

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

WAGNER REVOREDO ALVES FILHO

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO ATRAVÉS DA SEMIÓTICA: UMA ANÁLISE DO
PERCURSO GERATIVO EM DEMOCRACIA EM VERTIGEM**

CURITIBA

2021

WAGNER REVOREDO ALVES FILHO

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO ATRAVÉS DA SEMIÓTICA: UMA ANÁLISE DO
PERCURSO GERATIVO EM DEMOCRACIA EM VERTIGEM**

Trabalho Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Português do Curso Superior de Licenciatura em Letras – Português do Departamento de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientadora: Professora Dra. Ana Paula Pinheiro da Silveira

CURITIBA

2021



WAGNER REVOREDO ALVES FILHO

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO ATRAVÉS DA SEMIÓTICA: UMA ANÁLISE DO PERCURSO
GERATIVO EM DEMOCRACIA EM VERTIGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras Português da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na área de Letras.

Data de aprovação: 07 de dezembro de 2021.

Profa Ana Paula Pinheiro da Silveira, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profa. Maurini de Souza, Doutorado – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Paulo Juarez Rueda Strogenski, Doutorado – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Evandro de Melo Catelão, Doutorado – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dedico este trabalho à minha família, por toda força
e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Aqui tenho a oportunidade de agradecer a todos que de alguma forma contribuíram por essa causa. Em muitos momentos de dúvidas, incertezas e perdas, tive a sorte de contar com pessoas extraordinárias ao meu redor.

Agradeço aos meus professores e em particular à minha orientadora Professora Ana Paula por todos os ensinamentos e por me apresentar a essa área de pesquisa que certamente irei me aprofundar cada vez mais em minha vida acadêmica.

Agradeço aos meus pais e às minhas irmãs por todo o esforço, dedicação e carinho mesmo nesses anos que precisei me ausentar de nosso convívio para buscar meu sonho de ser professor.

Sem vocês, nada disso seria possível.

Por isso, tens minha gratidão eterna

Quem conhece do caso apenas o seu lado,
pouco conhece dele.
(John Stuart Mill

RESUMO

REVOREDO, Wagner. A construção de sentido através da semiótica: uma análise do percurso gerativo em democracia em vertigem. TCC (Curso Letras - Português), Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

O presente trabalho busca, através do campo da semiótica, analisar como os discursos são construídos, mais precisamente no contexto do gênero documentário. O trabalho tem como base os estudos Greimasianos sobre semiótica que, no Brasil, inspiraram as publicações de Elementos de Análise do Discurso de Fiorin(1989) e Teoria Semiótica do Texto, de Barros(1997), amplamente utilizados durante a pesquisa. Além da semiótica embasam este estudo as discussões desenvolvidas por Levitsky e Ziblatt (2018); Bobbio (2000), para embasar o conceito de democracia, e aquelas de Nichols(2005) e Gutfreind (2006) para iluminar as discussões a cerca do gênero documentário. A pesquisa, através de uma análise qualitativa de caráter descritiva e documental, expõe como a obra em análise relaciona diferentes elementos discursivos em prol da sua narrativa. O objeto do estudo, *Democracia em Vertigem*, documentário da Netflix, ganhou notoriedade internacional ao ser indicado ao Oscar de 2019; portanto, este estudo tem como objetivo refletir sobre como os elementos semióticos da obra corroboram os efeitos de sentido de sua narrativa.

Palavras-chave: Documentário. Semiótica. Democracia em Vertigem.

ABSTRACT

The presente work seeks to analyze, through the field of semiotics, how these discourses are constructed, more precisely within the documentary genre. The research is based on Greimasian studies on semiotics, that gave rise to the publication of two books that were widely used in the presente work: *Elementos de Análise do Discurso*, de Fiorin(1989) e *Teoria Semiótica do Texto*, de Barros(1997). Besides, in addition to semiotics, this study is based on the discussions developed by Levitsky and Ziblatt (2018); Bobbio (2000), to support the concept of democracy, and also by Nichols(2005) and Gutfreind (2006) to illuminate the discussions about the documentary genre. The research seeks, through a qualitative analysis of a descriptive and documentary character, to expose the success of the movie in relating different discursive elements in favor of its narrative. The object of the study, “*Democracia em Vertigem*”, a Netflix documentary, gained international notoriety after being nominated for an Oscar in 2019, therefore, this work aims to reflect on how the semiotic elements of the movie corroborate the meaning effects of its narrative. Furthermore, it is expected to contribute to the studies of syncretic semiotics.

Keywords: Documentary. Semiotics. *Democracia em Vertigem*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadrado semiótico.	17
Figura 2 – Exemplo de <i>Frame</i> , tal qual como aparecerá na pesquisa.	29
Figura 3 – Lula liderando a greve dos metalúrgicos em 1979	36
Figura 4 – Lula sendo carregado pelos grevistas	37
Figura 5 – Lula presidente ao lado de políticos que antes fazia oposição	38
Figura 6 – Lula em seu último dia como presidente	39
Figura 7 – Posse de Dilma como primeira presidente mulher do Brasil	39
Figura 8 – Imagem de Brasília nas primeiras manifestações contra o governo	40
Figura 9 – Dilma discursando contrária à determinadas práticas do mercado	42
Figura 10 – Sergio Moro falando sobre as investigações da Lava-jato	43
Figura 11 – Aécio neves discursando para a cúpula do PSDB	44
Figura 12 – "Panelaço": dia da abertura do processo de impeachment	45
Figura 13 – Investigadores levando Lula para depor	46
Figura 14 – Cunha em entrevista à televisão falando contra o impeachment	47
Figura 15 – Gabinete de Bolsonaro: um templo ao período da ditadura	48
Figura 16 – Temer e Aécio na posse do primeiro após o impeachment	49
Figura 17 – Lula prestando depoimento a Moro em Curitiba	50
Figura 18 – Temer entregando a faixa presidencial a Bolsonaro	51
Figura 19 – Contexto histórico antes da Ditadura	52
Figura 20 – Manifestantes se aglomerando em Brasília	53
Figura 21 – Apresentação do quadrado semiótico	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplo de tabela tal qual como será utilizada na pesquisa	29
Tabela 2 – Apresentação do estágio inicial da obra, durante a época da ditadura	36
Tabela 3 – Apresentação do movimento de não ditadura	37
Tabela 4 – Performance de Lula após a conquista do poder pela democracia	38
Tabela 5 – Sanção inicial de Lula após sua performance como presidente	39
Tabela 6 – São apresentadas as condições de competência à eleição de Dilma	40
Tabela 7 – Exposição do contexto da relação entre actantes da obra	41
Tabela 8 – Início da performance de Dilma	42
Tabela 9 – Apresentação do actante responsável pela sanção final de Lula	43
Tabela 10 – Exposto outro actante que altera o enunciado de estado de Dilma	44
Tabela 11 – Início da sanção de Dilma por parte da população	45
Tabela 12 – Último pilar de sustentação de Dilma: a popularidade de Lula	46
Tabela 13 – Exposto outro actante que altera o enunciado de estado de Dilma	47
Tabela 14 – Bolsonaro e a busca por competência	48
Tabela 15 – A sanção de Dilma concedida pela elite	49
Tabela 16 – Última performance de Lula e sua nova sanção: prisão	50
Tabela 17 – Bolsonaro presidente e o discurso saudoso à ditadura	51
Tabela 18 – Contexto histórico do país antes da ditadura	52
Tabela 19 – Narração de Petra a respeito da política no Brasil	53

LISTA DE ABREVIATURAS

- S Sujeito Narrativo
- OV Objeto-valor
- Om Objeto-modal
- PN Programa Narrativo
- PE Plano de Expressão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 ARTE E POLÍTICA EM TEMPOS DE POLARIZAÇÃO: CONSTRUÇÃO DISCURSIVA	15
2.2 PERCURSO GERATIVO.	16
2.3 ANÁLISE DE TEXTOS SINCRÉTICOS.	20
2.4 GÊNERO <i>DOCUMENTÁRIO</i> .	21
2.5 CONCEITO DE DEMOCRACIA	24
3 METODOLOGIA	26
3.1 ETAPAS DE LEITURA	27
3.2 ANÁLISE E CATEGORIZAÇÃO	28
4 ANÁLISE	29
4.1 AS PAIXÕES EM <i>DEMOCRACIA EM VERTIGEM</i>	30
4.2 NÍVEL NARRATIVO	32
4.3 NÍVEL DISCURSIVO	36
4.4 NÍVEL FUNDAMENTAL	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

O avanço da tecnologia tem resultado em uma mudança no modo como interagimos e produzimos sentidos. As novas mídias digitais têm trazido um modo de produção e recepção de texto que envolve mais a multimodalidade: imagens, imagens em movimento, palavras, sons se hibridizam para a construção de novos gêneros. Somos sempre mais afetados pelas imagens, que mobilizam a nossa sensibilidade, o nosso olhar para nos fazer ver e sentir, para provocar uma reação estética.

Por isso se torna necessária a análise, por meio de uma perspectiva teórico-metodológica, que nos permita compreender a multiplicidade de semioses para desvelar como os elementos discursivos dialogam com o espectador, como as escolhas figurativas, de cores, de textura, de enquadramento, de movimento de câmera fazem parte de escolhas discursivas para narrar uma história.

Na esteira dessas mudanças tecnológicas e de produção dos textos contemporâneos, a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, (BRASIL, 2018) tem colocado em relevo justamente a necessidade de se desenvolver na escola habilidades de leitura e escrita que levem em conta a multiplicidade de semioses. No documento se observa uma mudança ao que se refere ao trabalho com a análise linguística, que passa a incluir a ideia linguística/semiótica, para colocar em relevo a necessidade de considerar na produção e recepção de textos as questões referentes ao uso de semiose não-verbal.

Baseados nessa perspectiva, elegemos como objeto de estudo o documentário *Democracia em Vertigem*, indicado ao Oscar 2020. A análise proposta por este trabalho poderá contribuir acerca da discussão a respeito da qualidade da obra e como ela se utiliza dos elementos semióticos em prol de sua narrativa.

É importante ressaltar que essa foi a sétima nomeação brasileira em quase cem anos de premiação e o primeiro documentário nacional a ser indicado pela academia.

A obra tem a direção de Petra Costa, premiada em trabalhos anteriores como *Elena*, vencedor por júri popular na categoria de melhor documentário de 2014 no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro.

O documentário apresenta uma visão do panorama político vivido no Brasil desde o final do período da ditadura até a eleição de Jair Messias Bolsonaro como Presidente, em 2018. A obra apresenta momentos importantes na história do Brasil ao passo que também expõe situações da vida pessoal de Petra Costa, personagem e que, como tal, possui seu próprio ponto de vista, cuja narração-onisciente se utiliza de elementos estéticos – através da semiótica - para uma subversão discursiva em prol da manutenção de sua narrativa, expondo-se numa relação de semelhança entre sua história e a redemocratização, dividindo a angústia da incerteza em relação ao futuro de ambas, entrelaçando as duas histórias numa relação que transmite a ideia de codependência.

Para desenvolver esta pesquisa, elegemos como objetivo geral refletir sobre como os elementos semióticos do documentário *Democracia em Vertigem* corroboram os efeitos de sentido de sua narrativa. Para tal, elegeu-se o método do Percurso Gerativo para expor as relações de sentido, assim como os efeitos que são produzidos.

Assim acredita-se também ser possível expor como a narração das cenas e as imagens utilizadas serviram de embasamento à narrativa - e a forma como ambas são utilizadas em prol da manutenção do discurso.

A semiótica ganhou destaque ao final do século XIX, percorrendo todo o século XX, a partir de linguistas como Charles Sanders Peirce (1839-1914) - da chamada semiótica de origem americana -, um dos nomes da semiótica moderna e Algirdas Julius Greimas (1917-1992) – linguista russo da chamada escola francesa, criador do método de análise através do Percurso Gerativo de Sentido – utilizado no presente trabalho.

Os estudos de Greimas impulsionaram, no Brasil, a publicação de Elementos de Análise do Discurso (FIORIN, 1989) e Teoria Semiótica do Texto, produzida por Barros que foram precursores de estudos na área da semiótica discursiva. Para o estudo, iremos apresentar os principais conceitos, desenvolvidos por Greimas, a partir das discussões e conceitos apresentados por Fiorin e Barros.

Para tal, foram trabalhados os conceitos de democracia e também levados em consideração os elementos que norteiam o gênero documentário. Durante a análise, parte-se do conceito das paixões e como elas atuam nos actantes da obra. Em

seguida, apresenta-se a obra por meio dos três níveis do Percurso Gerativo: Fundamental, Narrativo e Discursivo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento da pesquisa tem como objetivo colocar em diálogo estudos pertinentes às condições de análise, relacionando conceitos a respeito dos elementos observados na semiótica em conjunto com as definições trabalhadas dentro do gênero proposto, neste caso específico, o documentário. Para a apresentação da fundamentação teórica, a seção será dividida em cinco partes apresentadas de forma sintética: A relação texto/discurso; o Percurso Gerativo de Sentido, em que será apresentado o método de análise da pesquisa; a montagem de textos sincréticos, explicitando como se dá a enunciação em texto sincréticos; o Gênero *documentário*, abarcando questões fundamentais à estruturação da análise; e o conceito de Democracia, apresentando a base selecionada sobre o tema para a interpretação da obra.

2.1 ARTE E POLÍTICA EM TEMPOS DE POLARIZAÇÃO: CONSTRUÇÃO DISCURSIVA.

A democratização dos meios de informação foi de fundamental importância no sentido de transmitir voz a diferentes grupos sociais. Como resultado, o que temos hoje é uma pluralidade de posicionamentos, sendo eles individuais e/ou coletivos, que atuam de maneira ativa influenciando e sendo influenciados dentro da sociedade. Posicionamentos que se dão através de manifestações¹ em diferentes campos de discussão, que interagem entre si, sendo a política e a arte dois exemplos.

Essas manifestações se dão por meio de enunciados, inseridos em um *texto*, sendo ele dotado de diferentes variáveis que atuam tanto na construção de um discurso – gerado pela enunciação do texto – quanto no entendimento do mesmo. Dentre essas variáveis, podemos citar questões sociais, econômicas, culturais e

¹Importante salientar que o termo empregado “manifestação” tem o sentido de posicionar-se em relação ao mundo.

históricas. Por isso, torna-se imprescindível o estudo da semiótica – estudo da construção de um significado - pois tem “o *texto*, e não a palavra ou a frase, como seu objeto e procura explicar os sentidos do texto, isto é, o que o texto diz e, também, ou sobretudo, os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos”, examinando “as relações entre enunciação e o discurso enunciado e entre o discurso enunciado e os fatores sócio-históricos que o constroem”. (FIORIN, 2003, p. 188).

Dentro desse contexto, tem-se a semiótica como área de estudo dessas relações,

Levando em consideração que a língua é forma e não substância e que esta é resultante daquela, a semiótica pretende fazer uma análise formal do texto, ou seja, estudar o conjunto de relações que produz o significado, aquilo que o texto diz. Por isso, ela analisa não a substância do conteúdo, mas sua forma, ou seja, como o texto diz o que diz. (FIORIN, 2003, p. 49)

Assim, a análise semiótica se dá por meio da observação dos elementos discursivos e como eles dialogam para despertar efeitos de sentido que auxiliam o entendimento de uma narrativa. Nas palavras de Fiorin (2003), essa abordagem busca

Explicar os sentidos do texto. Para tal, vai examinar, em primeiro lugar, os mecanismos e procedimentos de seu plano do conteúdo. O plano do conteúdo de um texto é, nesse caso, concebido, metodologicamente, sob a forma de um percurso gerativo. (FIORIN, 2003, p. 189)

O Percurso Gerativo de Sentido é uma proposta metodológica de análise de textos empregada pela semiótica e desenvolvida por Greimas, como aprofundaremos no próximo item.

2.2 PERCURSO GERATIVO

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, assume-se o Percurso Gerativo dos Sentidos, como descrito por Fiorin (2003), em que se

Vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto; há, assim, enriquecimento e concretização do sentido da etapa mais simples e abstrata à mais complexa e concreta, ou seja, os elementos que se manifestam na superfície do texto estão já “enriquecidos” e “concretizados” e provêm, metodologicamente, de relações semânticas mais simples e abstratas. (FIORIN, 2003, p. 188)

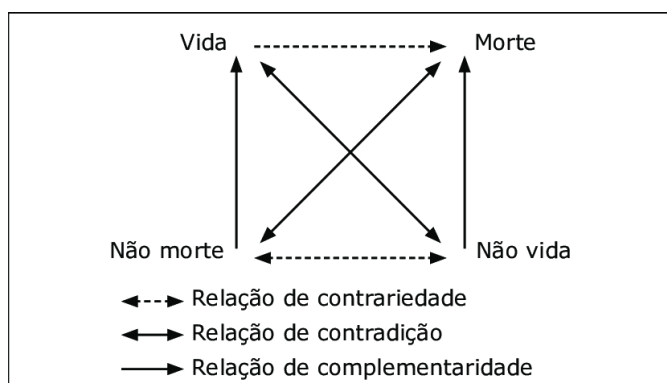
Essa construção da narrativa parte de três níveis: fundamental, narrativo e discursivo.

No nível fundamental, encontra-se a gênese do sentido, assumido a ideia de uma oposição semântica a partir de dois termos contrários, que se direcionam em lados opostos, como explicita Fiorin,

Os sentidos do texto são entendidos de acordo como uma categoria ou oposição semântica, cujos termos são: 1. Determinados pelas relações sensoriais do ser vivo com esses conteúdos e considerados atraentes ou eufóricos e repulsivos ou disfóricos; 2. Negados ou afirmados por operações de uma sintaxe elementar; 3. Representados e visualizados por meio de um modelo lógico de relações denominado *quadrado semiótico*. (FIORIN, 2003, p. 189)

Como explicitado por Fiorin (2003), essa gênese de sentido foi uma ideia organizada axiologicamente por meio de um quadrado semiótico desenvolvido por Greimas, como se pode observar no exemplo a seguir:

Figura 1 – Quadrado semiótico



Fonte: Adaptada de Greimas e Courtés (2008)

Na figura 1, como foi possível verificar, temos dois termos contrários que são compostos verticalmente pela negação daquele que o opõe e afirmação daquele que o acompanha. Assim, observamos que o nível fundamental opera em dois níveis sintáticos: negação e afirmação. Sobre isso, Fiorin salienta que

Na sucessividade de um texto, ocorrem essas duas operações, o que significa que, dada uma categoria tal que *a versus b*, podem aparecer as seguintes operações:

- a) afirmação de *a*, negação de *a*, afirmação de *b*;
- b) afirmação de *b*, negação de *b*, afirmação de *a*. (Fiorin, 1989, p. 20)

O segundo nível é o narrativo, a história é organizada do ponto de vista de um sujeito e se desdobra, em uma ou mais partes, por meio de três situações distintas:

manipulação, ação e sanção. Permeando essas situações, é preciso identificar em que momento cada uma ocorre dentro da narrativa, assumindo que “a sanção pressupõe a ação que, por sua vez, pressupõe a manipulação. É lógico que esses percursos nem sempre estão explícitos no texto, mas se não forem reconstituídos, a narrativa perde o sentido” (FIORIN, 2003, p. 191).

O primeiro trata do momento em que um sujeito – geralmente o protagonista – se vê provocado diante de uma situação que faz com que ele responda a esse chamado. Em seguida, observamos a ação desse sujeito diante da situação que lhe foi imposta. Por fim, o resultado obtido por suas ações, ou seja, a sanção. Logo, conclui-se que o nível narrativo possui uma relação de causa e efeito entre as três situações. Ainda sobre o assunto, é importante destacar também que, em narrativas complexas – como é o caso do objeto da presente pesquisa -, podemos adicionar mais um elemento a essas situações: a *competência*, ou seja, a relação entre as condições que envolveram o sujeito até o momento da manipulação e como ele se encontra para praticar a ação.

Em relação à sintaxe narrativa, Barros (1997, p 16) afirma que é vista “como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo. Esse espetáculo deve ser descrito, determinando os participantes e papel que assumem na história. A autora apresenta ainda duas concepções complementares da sintaxe na perspectiva semiótica: a narrativa como mudança de estados, operada pelo fazer do sujeito; e como sucessão de estabelecimentos e rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário.

Um enunciado, na sintaxe narrativa, é determinado pelas relações que se estabelecem entre os actantes de uma narrativa: o sujeito (S) e o objeto (O), também chamado de objeto de valor (Ov) e podem ser de estado ou de fazer. Os primeiros se articulam numa função denominada de junção, a qual permite prever dois estados: conjunção: $(S \cap O)$ ou disjunção $(S \cup O)$.

Ao que concerne aos enunciados de fazer, os actantes também se relacionam sob uma função denominada de transformação. Esta “dá conta do que acontece, quando da passagem de um estado a outro”, considerando-se ainda que toda transformação produz, uma junção, e todo enunciado de fazer rege um enunciado de estado.” (GREIMAS, 1976, p. 60).

Por fim, o nível discursivo, o mais próximo da superfície textual, onde se encontram os atores e objetos do discurso. É nesse nível que os discursos se materializam. Por ser o nível onde se realiza o primeiro contato do leitor com o texto, trata-se como o primeiro nível do percurso gerativo.

Segundo Barros (1997), a estrutura discursiva é definida como um processo de produção que retoma os elementos sobre os quais se debruça a análise narrativa, dando, porém, relevo para aspectos deixados de lado, naquela abordagem, tais como: as projeções da enunciação no enunciado; os recursos que o enunciador utiliza para manipular o enunciatário, os temas e as figuras.

Os recursos acima descritos, por meio da manipulação discursiva, auxiliam na produção de efeitos no fazer interpretativo do receptor do discurso. Também no nível discursivo, como dito anteriormente, os elementos do nível narrativo como a actorização, temporalização, espacialização e a figuritivização recebem investimentos semânticos.

A actorização é exercida na instância da enunciação e do enunciado. O ator configura-se como um lugar semântico de n papéis actanciais, ou seja, um atuante, no dizer de Greimas (1977, p. 179) “pode ser manifestado no discurso vários atores”.

Isso significa dizer que o próprio papel dos actantes pode sofrer inúmeras alterações durante a obra, a depender de sua relação com os outros atores e objetos-modais, que lhe concedem diferentes valores e alteram os enunciados dos sujeitos narrativos.

Vale ressaltarmos que esses aspectos, escolhidos e articulados no discurso, pelo sujeito enunciador, visam provocar determinados efeitos de sentido no fazer interpretativo do sujeito: a ilusão referencial, a veridicção. Neste sentido, a verdade resulta de um acordo entre os actantes da comunicação, de um “contrato fiduciário”. O discurso é considerado verdadeiro, segundo sua organização interna e não em relação a um referente externo do mundo real.

A relação entre esses discursos, apresentada pela interação entre os atores e os objetos é analisada por meio da semântica narrativa através da modalização. Como descreve Barros (1997),

a semântica narrativa é o momento em que os elementos semânticos são selecionados e relacionados com os sujeitos. Para isso, esses elementos inscrevem-se como valores, nos objetos, no interior dos enunciados de estado. (Barros, 1997, p. 44)

Com relação a isso, têm-se a modalização de ser e de fazer, divididas em quatro modalidades: o querer, o dever, o poder e o saber. A modalização dos enunciados de ser é responsável pela atribuição de existência modal ao sujeito de estado, ou seja, é o conjunto de valores que o qualifica e que determina seu ponto de partida na relação com um elemento narrativo, ou seja, na formulação de um enunciado.

A modalização dos enunciados de fazer, por outro lado, se relaciona com a competência modal do sujeito de fazer, que está relacionada à ideia de um conjunto de qualificações que determinam sua competência para a ação. Nesse sentido, combina-se dois tipos de modalidades, as virtualizantes, que determinam o sujeito, e as atualizantes que o qualificam.

As modalidades virtualizantes partem do dever-fazer e do querer-fazer. Enquanto o primeiro é definido por meio da busca do ator pelos valores expostos pelo Ov, fazendo-o assumir o papel de S, o segundo parte de um conjunto de ações de um sujeito que o qualificam e o levam a atender um chamado que resulta sua atribuição como S.

Com relação às modalidades atualizantes, essas partem do saber-fazer e poder-fazer, que se relacionam com a ideia de competência e será vista mais à frente na pesquisa.

2.3 ANÁLISE DE TEXTOS SINCRÉTICOS

Ao tratarmos neste trabalho de um gênero audiovisual, torna-se necessário também levar em consideração como a semiótica sincrética² enxerga a construção do sentido que envolve hibridização de semioses. Para tal, primeiramente separam-se as noções entre texto e discurso.

² A semiótica sincrética não foi aprofundada na presente pesquisa, mas estudos sobre o tema serviram para auxiliar a interpretação das montagens das cenas, expostas em *frames* nas análises relacionando imagem e narração.

Para Barros (2016), discurso é o resultado da construção de sentidos do percurso gerativo, sendo ele parte do texto, que por sua vez, possui conteúdo e expressão. Dessa forma, estando o discurso submetido ao texto e esse sendo dotado de algo que vai além do discurso, torna-se necessária uma análise a partir da concepção de que a interpretação discursiva do texto se relaciona diretamente com algo que se apresenta além de seu conteúdo.

Logo, pode-se concluir que para analisar o discurso, a semiótica observa a relação do mesmo com seu plano de expressão, sendo ele, nas palavras de Greimas e Courtés (2008), “o significante saussuriano considerado na totalidade de suas articulações, como o verso de uma folha de papel cujo anverso seria o significado”.

Para relacionar o plano de expressão à semiótica sincrética, partimos da proposta de Fechine (2009), a qual defende que,

Se as semióticas sincréticas constituem seu plano da expressão com elementos provenientes de várias semióticas heterogêneas, a sua constituição a partir da articulação necessária entre um sistema visual e um sistema sonoro torna evidente a natureza sincrética dos textos audiovisuais em geral. (FECHINE, 2009, p. 323)

Com relação aos procedimentos de sincretização, tomou-se como base a proposta de Floch, apresentada por Fechine (2009), que explicita como se dá a análise do processo de sincretização. Para a autora,

A descrição dos procedimentos de sincretização deve começar pela segmentação dos textos em sequências discursivas e sintagmas narrativos, a partir da qual se pode observar a ‘distribuição’ do sentido em diferentes linguagens. (FECHINE, 2009, p. 334)

Partindo-se dessa definição, entende-se que os efeitos de sentido gerados pelos textos sincréticos são comumente relacionados ao processo que chamamos de montagem, no caso de textos audiovisuais. Esse processo visa construir o texto sincrético, relacionando os elementos verbais, visuais e sonoros. Para Fechine (2009),

Na produção audiovisual, a preocupação com uma enunciação sincrética confunde-se com os processos de montagem. Os procedimentos de montagem, por meio dos quais se dá, nas práticas produtivas, a sincretização, correspondem em grande medida à própria exploração do potencial técnico-expressivo do meio audiovisual. (FECHINE, 2009, p. 327)

Para o presente trabalho, assume-se a montagem a partir de uma sincretização por homologações, pois “a preocupação inicial é com a construção do sintagma visual

na sua sucessividade. Busca-se, em outras palavras, articular as imagens de modo a promover a ‘costura’ entre os elementos visuais” (FECHINE, 2009, p. 245).

Assim, pode-se dizer que essa proposta justifica o método de recortes da obra com a finalidade de identificar como eles se apresentam com relação aos seus programas narrativos, identificando as relações de disjunção e conjunção entre os enunciados de estado e fazer.

2.4 GÊNERO *DOCUMENTÁRIO*

Inicialmente, é importante compreender uma definição do gênero para a presente análise. Assim, deve-se primeiramente assumir o documentário como um texto sincrético³. Além disso, adota-se aqui a proposta apresentada por Nichols (2005), em que o documentário assume um papel diferente em relação aos outros tipos de ficção, pois “estão baseados em suposições diferentes sobre seus objetivos, envolvem um tipo de relação diferente entre o cineasta e seu tema e inspiram expectativas diversas no público” (NICHOLS, 2005, p. 17).

Ainda assim, estabelece-se uma necessidade de definição formal na relação entre documentário e outros tipos de ficção. Sobre essa questão, Ferraz (2019), apresenta que

Há características que distinguem documentário de ficção, porém ambos são modos de comentar o mundo. Documentário é cinema e, como tal, é uma obra de arte. Assim, uma leitura da obra implica a compreensão não só dos fatos, mas também a análise de como o real é representado (FERRAZ, 2019, p. 218).

Contudo, isso não significa que documentário e gêneros de ficção não possam se utilizar dos mesmos elementos. Sobre isso, temos a noção estabelecida por Dias (2009), em que esclarece que

³Assume-se aqui a definição de Teixeira (2008, p. 172) que esclarece a diferença entre multimodalidade e sincretismo, “[...] a denominação dada aos textos em que se integram várias linguagens é diferente: *multimodais* para a semiótica social, *sincréticos* para a semiótica discursiva. Podemos começar a estabelecer diferenças a partir dessa nomeação, [...] corresponde a uma diferença de concepção e tratamento dos textos. Começamos pelos elementos de composição *multi-* e *sin-*: se o primeiro contém a ideia de quantidade e dispersão, o segundo acolhe os sentidos de unidade e integração (TEIXEIRA, 2008, p. 172).”

O fato de que documentário e ficção podem utilizar os procedimentos formais um do outro pode gerar uma certa confusão na definição de documentário, portanto, nos parece importante dizer que um dos elementos mais importantes do último trecho citado é a questão da *intenção do autor*. (DIAS, 2009, p. 4)

Por isso, deve-se ressaltar que mesmo existindo diferenças entre documentário e ficção, não podemos assumir uma separação absoluta entre os dois, uma vez que práticas discursivas referentes a uma categoria muitas vezes são utilizadas na construção da outra.

Dessa forma, Nichols (2005) apresenta uma definição para esses dois tipos de filme: a ficção é denominada “documentários de satisfação de desejos” em que observamos situações criadas a partir da imaginação; e o documentário, que assume a denominação de “representação social”, em que nos é apresentado o mundo que compartilhamos.

É justamente por possuir essa característica que o documentário pode passar uma ideia errônea de verdade absoluta, pois a utilização de imagens e acontecimentos reais gera a impressão de estarmos diante do mundo como ele é, não como ele nos está sendo apresentado.

Assim, através do documentário, temos uma representação do mundo a partir de uma perspectiva específica. Como nos apresenta Nichols (2005),

Os cineastas são frequentemente atraídos pelos modos de representação do documentário quando querem nos envolver em questões diretamente relacionadas com o mundo histórico que todos compartilhamos. Alguns enfatizam a originalidade ou a característica distintiva de sua própria maneira de ver o mundo: vemos o mundo que compartilhamos como se filtrado por uma percepção individual dele. (NICHOLS, 2005, p. 20)

Com relação à sua representação, o documentário caracteriza-se por três maneiras específicas que definem a forma como o conhecemos e que regem seu engajamento. Para Nichols (2005), o documentário apresenta uma representação reconhecida do mundo, o que pode passar uma ideia de verdade quando “vemos pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema” (NICHOLS, 2005).

Contudo, é preciso considerar que os documentários representam interesses particulares, assim, “falam em favor dos interesses de outros, tanto dos sujeitos tema

de seus filmes quanto da instituição ou agência que patrocina sua atividade cinematográfica” (NICHOLS, 2005).

Dessa forma, “os documentários podem representar o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente: Colocam diante de nós a defesa de um determinado ponto de vista” (NICHOLS, 2005)

Por isso, torna-se importante observar o objeto de pesquisa como ele se apresenta: uma obra de arte que tem por objetivo representar uma visão de mundo singular, a partir de uma perspectiva específica.

Com relação à tipologia, assumiu-se a obra como um documentário participativo, uma vez que a diretora Petra Costa se insere na história, tanto com a narração dos fatos, em que interpreta as cenas que são apresentadas, quanto com sua presença física em entrevistas e momentos importantes da história do país.

Essa forma de atuação vai diretamente ao encontro da maneira como o documentário participativo é caracterizado, uma vez que

Os documentaristas também vão a campo; também eles vivem entre os outros e falam de sua experiência ou representam o que experimentaram. No entanto, a prática da observação participativa não se tornou um paradigma. Os métodos e as práticas da pesquisa em ciência social permaneceram subordinados à predominante prática retórica de comover e persuadir o público. (NICHOLS, 2005, p. 153)

Dessa forma, a pesquisa partiu com o objetivo de trazer à luz uma interpretação acerca da narrativa apresentada no documentário, utilizando-se do Percurso Gerativo de Sentido como nos apresenta Fiorin (2003). Essa análise levou em consideração as características particulares do gênero documentário sob a perspectiva de Nichols (2005), e observando os elementos que atuam dentro do contexto semiótico.

Além disso, é preciso também desenvolver a perspectiva do filme como uma ideia de representação. De acordo com Gutfreind (2006), Barthes relaciona a representação a três aspectos: nível informativo, simbólico e obtuso.

Es specular a noção de representação nos remete ainda a Roland Barthes e a sua amplamente divulgada teoria do “terceiro sentido”, segundo a qual poderemos distinguir três níveis na imagem fílmica: um nível “informativo”, que nos remete a um tipo de conhecimento originário do cenário, dos personagens, do figurino, etc.; um nível simbólico que diz respeito aos símbolos ligados ao tema do filme, ao seu autor e a seu referencial e, ainda, um nível obtuso, da ordem do sensível e que nos leva à emoção, ao afetivo. (GUTFREIND, 2006, p. 9)

Dessa forma, a análise também levará em conta a relação desses níveis na obra analisada. Primeiramente, por se tratar de um documentário, o nível “informativo” se apresenta já com uma noção preestabelecida do real e é ligado à relação do simbólico a partir da visão do mundo de quem o assiste, ou seja, “uma imagem cuja forma restaura nossa relação com o mundo, explorando suas contradições” (GUTFREIND, 2006).

Por fim, a forma como a obra é apresentada será a responsável pela percepção do último nível.

2.5 CONCEITO DE DEMOCRACIA

Tratar a respeito do tema *democracia* se faz necessário para o presente estudo, uma vez que o seu entendimento é fundamental para compreender o ponto de partida de todo o processo de análise, já deixando exposto que o documentário apresenta como a lógica da democracia foi subvertida para interesses privados.

Sendo assim, parte-se do conceito de democracia moderna apresentada por Bobbio (2000), representativa, ou seja, “é o voto não para decidir, e sim para eleger quem deverá decidir” (BOBBIO, 2000). Contudo, ainda de acordo com o autor, só é possível falarmos sobre democracia, após o sufrágio universal, uma vez que o poder do voto é concedido a todos os cidadãos de forma igualitária.

É nessa direção que torna possível apresentar a relação da democracia com a representatividade, caracterizada pela “contínua troca entre dois bens, o apoio, em forma de voto, por parte dos eleitores, e benefícios de vários tipos, patrimoniais ou de status, por parte dos eleitos” (BOBBIO, 2000).

Por outro lado, a perda dessa identidade ocasiona o próprio enfraquecimento da democracia, uma vez que “Quando cidadãos não acreditam em seus líderes eleitos, as fundações da democracia representativa se enfraquecem. O valor das eleições é diminuído quando cidadãos não têm fé nos líderes que elegem” (LEVITSKY, 2018, p. 220).

Ademais, assume-se que a democracia, principalmente no Brasil, deve ser considerada algo novo se comparada a todo período histórico que se tem documentado. Ainda assim, a obra expõe um contexto de atuação das personagens

que se relaciona com quatro parâmetros (três internos e um externo) que ameaçam a democracia, são eles: o excesso de mudanças, a vulnerabilidade do sistema e o paradoxo tecnocrático.

Sobre esses parâmetros, Bobbio expõe as ideias trazidas por Germani (*apud* Teoria Geral da Política, 2000, p. 383). em que diz,

Por excesso de mudanças entendia a contradição entre a contínua mudança de regras de comportamento [...]. A vulnerabilidade da democracia dependeria da fragmentação do poder que permite que pequenos grupos organizados desfiram golpes mortas na sociedade, obrigada a se defender, a negar a si mesma. Falando do paradoxo tecnocrático, Germani referia-se à crescente contradição entre a exigência do controle popular, sobre a qual se sustenta um regime democrático, e a necessidade de que toda sociedade avançada tem de tomar decisões em matérias que requerem conhecimentos cada vez mais especializados, inacessíveis às massas. [...] Quanto ao fator externo, dependente do sistema internacional, Germani acreditava que a cada vez mais ampla e inevitável internacionalização da política externa favorecia mais as soluções autoritárias do que as soluções democráticas. (BOBBIO, 2000, p. 383)

Dessa forma, foi possível observar que as alterações das regras democráticas formuladas por pequenos grupos que se impõem em meio à participação popular limitada devido à falta de acesso à informação, além da intervenção estrangeira (atuando direta ou indiretamente por meio desses pequenos grupos) foram determinantes para o desfecho da obra.

Assim, assume-se que “democracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de líderes eleitos – presidentes ou primeiros-ministros que subvertem o próprio processo que os levou ao poder” (LEVITSKY, 2018). Dessa forma, tem-se também que as democracias não necessariamente deixam de existir somente pela ausência de representatividade, e sim, pela oportunidade de subversão.

3 METODOLOGIA

A presente seção tem como objetivo apresentar o processo metodológico utilizado para análise do objeto, uma pesquisa qualitativa que possui caráter descritivo e documental.

DENZIN e LINCON (2003, p. 17) definem a pesquisa qualitativa como “uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo.” A pesquisa

qualitativa, portanto, busca qualificar a relação do objeto sob um campo de estudo previamente estabelecido. No caso desta pesquisa, visa investigar o conceito de democracia, refletindo sobre como os elementos semióticos do documentário *Democracia em Vertigem* corroboram para os efeitos de sentido de sua narrativa. Para isso, baseia-se no aporte teórico da semiótica discursiva por meio do Percorso Gerativo de Sentido e do conceito de Montagem advindo da semiótica sincrética.

Em relação ao objetivo, a pesquisa possui caráter descritivo “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (GONSALVES, 2003, p. 65) e documental, sendo esse objeto de observação, o documentário já mencionado anteriormente. Também é importante ressaltar as circunstâncias sob as quais será desenvolvido este estudo, por isso torna-se necessário explicitar o papel da semiótica para o êxito da pesquisa.

Assume-se aqui a teoria apresentada por Barros (2002), em que define que a teoria semiótica é caracterizada por

a) construir métodos e técnicas adequadas de *análise interna*, procurando chegar ao sujeito por meio do texto; b) propor uma *análise imanente*, ao reconhecer o objeto textual como uma máscara, sob a qual é preciso procurar as leis que regem o discurso; c) considerar o trabalho de construção do sentido, da imanência à aparência, como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, em que cada nível de profundidade é passível de descrições autônomas; d) entender o percurso gerativo como um percurso do conteúdo, independente da manifestação, lingüística ou não, e anterior a ela. (BARROS, 2002, p. 13).

Assim, o presente estudo é pautado tanto em uma *análise interna*, em que se busca a forma como o texto se faz entender, quanto em uma *análise imanente*, ou seja, uma análise para além da superfície de seu conteúdo.

3.1 ETAPAS DE LEITURA

O documentário foi assistido pelo aplicativo de *streaming* Netflix de forma contínua, primeiramente, com o objetivo de fruição, gerando abstrações iniciais causadas pelos efeitos de sentido e que delimitaram a definição do primeiro nível do percurso gerativo de sentido, o nível discursivo.

Em um segundo momento, a obra foi revista de forma pausada em que foram selecionados diversos momentos que retratam como os elementos estéticos foram utilizados para corroborar a narrativa.

A partir desses procedimentos, foram selecionadas as cenas, classificadas primeiramente com o objetivo de identificar o tipo de enunciado apresentado, sendo eles divididos entre enunciados de estado e enunciado de fazer. A classificação tem como objetivo definir a relação entre sujeito e objeto, ou seja, se já existe a posse do objeto ou se ele é algo a ser buscado. Essa definição é de suma importância para a aquisição de uma narrativa mínima, uma vez que “na primeira, ocorre um estado inicial conjunto e um estado final disjunto.[...] Na segunda espécie, sucede o contrário: um estado inicial disjunto e um final conjunto” (FIORIN, 1989, p.21).

Em seguida, novamente assistido por uma perspectiva fragmentada, em que o documentário é recortado em três grandes blocos: a trajetória de Lula, a ascensão de Dilma e os desdobramentos do impeachment. Estabeleceu-se esse recorte com o objetivo de classificar as situações narrativas da obra, a partir das seguintes categorias: manipulação, competência, ação e sanção.

É importante ressaltar também que a manipulação ocorre quando o sujeito é incitado a sair de seu estado inicial. Essa incitação é classificada na obra através das seguintes situações: tentação (condições positivas referentes a um possível ganho por parte do sujeito); intimidação (condição de imposição na relação com o sujeito); sedução (estímulos positivos que encorajam positivamente o sujeito); provocação (estímulos negativos que desafiam o sujeito à ação). Podemos observar exemplos de cada uma das situações a seguir.

Exemplifiquemos esses quatro tipos de manipulação com a seguinte situação: uma criança não quer comer e a mãe, para fazê-la praticar essa ação, pode agir assim: a) tentação: Se você comer, ganha uma coca-cola; b) intimidação: Se você não comer, não vai ver televisão; c) sedução: Pus essa comida no seu prato, porque você é grande e é capaz de comer tudo; d) provocação: Pus essa comida no seu prato, mas eu sei que, como você é pequeno, não consegue comer o que está aí. (FIORIN, 1989, p.23)

Por último, para expor o nível fundamental, foi esquematizado o quadrado semiótico a partir dos conceitos de contrariedade, em que são relacionados dois termos que se opõem semanticamente; contraditoriedade, ou seja, a negação desses termos; e complementaridade, com a ligação dos termos negados à sua oposição

semântica. Além disso, para clareza na compreensão das informações, foram expostos *prints* com passagens da obra com objetivo de exemplificar as análises feitas durante a pesquisa.

3.2 ANÁLISE E CATEGORIZAÇÃO

Ao final da etapa de leitura, foram estabelecidas dezoito passagens como corpus de pesquisa. Estas passagens foram disponibilizadas em *frames* e inseridas em tabelas com o objetivo de exemplificar como foram montadas as cenas que viabilizam o percurso gerativo dentro do nível narrativo e discursivo e como reverberaram no nível fundamental.

Figura 2 - Exemplo de *Frame* retirado do documentário.



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:06:50]

Tabela 1 – Exemplo de tabela.

Narração da cena	“Metalúrgico e líder sindical, Lula tem 33 anos nessa imagem. Ele só se interessa por política quando visita o congresso pela primeira vez e percebe que entre os 443 parlamentares, só dois eram da classe trabalhadora.”
Situação narrativa	Manipulação, em que o objeto-valor é apresentado ao sujeito por meio da provocação.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Dessa forma, foi possível categorizar de forma mais clara ao leitor todo o processo do trabalho, assim como a própria análise. Por fim, com todo o *corpus* da pesquisa explicitado, será exposta a análise a partir de cada nível do percurso gerativo e as conclusões finais obtidas através da pesquisa.

4. ANÁLISE

Antes da exposição da análise do conteúdo do documentário, é necessário apresentar a relação do título da obra com o mesmo. Ao utilizar o termo “vertigem” para relacionar o enunciado de “democracia”, observa-se a condição de disjunção com o termo principal.

A obra se situa no contexto político do Brasil entre o período que antecede o golpe de 64 até a ascensão de Jair Bolsonaro ao poder, em 2018. É possível dividir a obra em três sintagmas narrativos, cada um apresentando os programas de três sujeitos: Lula, Dilma e Bolsonaro.

Esses programas narrativos não seguem uma ordem contínua tanto na relação histórica quanto na sequência dos *frames* apresentados. Pode-se inferir que essa escolha se deve pelo fato de apresentar as semelhanças de contextos antes e durante os períodos em que a democracia sofre ataques e como eles se constituem.

4.1 AS PAIXÕES EM *DEMOCRACIA EM VERTIGEM*

Inicialmente, é preciso compreender a relação entre os actantes da obra e estabelecer suas modalizações. Esse procedimento é necessário para identificar os pilares sobre os quais as ações dos sujeitos irão se basear.

Caracteriza-se Lula, Dilma e Bolsonaro como os sujeitos narrativos, que são manipulados à performance e adquirem competência por meio dos valores do povo⁴, destinador-manipulador, “fonte dos valores, ou melhor é quem determina os valores que serão visados pelo sujeito” (BARROS, 2001).

Contudo, é importante mencionar que cada um dos sujeitos narrativos é incitado e parte de contextos diferentes de manipulação. Lula é apresentado como o sujeito do querer-fazer através da perspectiva de busca pela representatividade da classe trabalhadora dentro da política do país.

Enquanto Dilma, parte do dever-fazer, uma vez que é apresentado na obra que o caminho até a presidência não era um objetivo pessoal seu, e sim uma

⁴ Por se tratar o regime brasileiro como uma democracia representativa de maioria simples, assume-se aqui a definição de povo como relação de maioria quantitativa, apresentado por diferentes pesquisas de opinião e de períodos eleitorais expostos na obra.

consequência de sua história. Sua eleição não só representa a classe trabalhadora, como também se torna um símbolo de lutas contra repressões que vão além da política. Apresentada como ícone de resistência na ditadura, é eleita a primeira presidente mulher do Brasil, representando também a conquista de grupos de defesa das minorias.

Por outro lado, Bolsonaro parte do querer-fazer, contudo, em um contexto de perda da confiança da população nos ritos democráticos. Sua relação com o Ov [presidência] apresenta-se em um contexto de não-ditadura. Aliado a isso, temos seus discursos saudosistas trazidos na obra, enaltecendo ditadores e indo de encontro às instituições democráticas.

Apresentadas as condições de manipulação, a performance dos sujeitos narrativos tem a sanção do destinador julgador, representado pela elite⁵, tendo seu percurso definido por Barros como

Da mesma forma que a manipulação, consiste no encadeamento lógico de programas narrativos, em geral complexos, de dois tipos: o primeiro, responsável pela sanção cognitiva, que leva ao reconhecimento do “herói” e ao desmascaramento do “vilão”; o segundo, encarregado da sanção pragmática, que culmina na retribuição, sob a forma de recompensa ou punição. (BARROS, 2001, p. 38)

Contudo, o que será observado durante a análise é a volatilidade na relação de valores desses três elementos e como as performances de cada um dos sujeitos modifica a interação com o Ov [presidência] e com o tema democracia.

Nessa conjuntura, por meio da espera fiduciária, a satisfação só se deu quando a relação de confiança entre os sujeitos de estado e Lula e Dilma se mantinha no estado de confiança em relação aos valores estabelecidos.

Contudo, quando ocorre a insatisfação por parte da Elite com esses sujeitos (Lula e Dilma), ela se subverte numa relação de espera simples em que “aciona” o povo em busca de uma conjunção com o poder representado pelo Ov [presidência]. Nesse sentido, o povo, para manter sua posição de destinador-manipulador, é forçado a estabelecer nova relação de espera fiduciária com um novo sujeito de fazer (Bolsonaro).

⁵ Assume-se aqui o significado de Elite como a união da oligarquia e o setor financeiro.

4.2 NÍVEL NARRATIVO

O documentário inicia com imagens de um momento que será retomado ao final da obra, o dia da prisão de Lula no sindicato dos metalúrgicos do ABC. A cena é constituída por diversos repórteres que acenam para a popularidade de Lula e seu favoritismo para a Presidência da República na próxima eleição, além do estranhamento de uma prisão feita de forma imediata, como se quisesse sugerir a retirada antecipada de Lula do pleito. Além disso, as imagens das manifestações a favor e contra a sentença já apresentam como está o clima instaurado no país naquele momento. A polarização cresce e o tom é agressivo em pleno ano de eleição presidencial.

Em seguida, temos a narração de Petra que relaciona sua história com a da democracia, rememorando também o passado de seus pais, apresentando a luta pelo direito ao voto e vendo-se representados na busca de S[Lula] pelo Ov [presidência]. Isso se comprova à medida que são apresentados momentos que contribuíram para a aquisição de competência por parte de S[Lula], tanto na greve dos metalúrgicos quanto na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT).

Esses dois acontecimentos, caracterizados como objetos-modais que lhe atribuem a possibilidade de poder-fazer, transfiguram a caricatura dos atores políticos no Brasil. Uma vez que Lula, um homem de origem humilde e sem formação acadêmica em nível superior, representa toda uma classe de trabalhadores. Dessa forma, o fato de fundar um partido político e viver em uma democracia o coloca em contato com o Om(eleição), em um estado de conjunção com o Ov[presidência].

Contudo, para que se tenha competência, o sujeito precisa obter tanto o poder-fazer quanto o saber-fazer. Sobre isso, Pietroforte explicita que

Apenas a conjunção com os dois objetos modais – saber e poder – garante as condições para a realização da performance. [...] Separados, saber e poder dizem respeito a duas dimensões distintas da organização do sentido: a primeira diz respeito às formas de conhecer e classificar o objeto-valor; e a segunda, às possibilidades de abordá-lo e de agir sobre ele. (PIETROFORTE, 2008, p.65)

Dessa forma, uma vez que S[Lula] obtém parte da competência (por meio do poder) para realizar a performance, ainda lhe falta o saber. Tanto o problema quanto

a solução são apresentados por Lula no mesmo PN, em que o documentário exhibe trechos de seus discursos até a campanha de 1998 enquanto candidato atacando a classe mais rica e os seus privilégios.

O discurso de 2002 assume um tom para a “conciliação” como descreve a narração, e faz com que Lula entre em conjunção com seu Ov[presidência]. Nesse momento, S[Lula] adquire competência para a execução da sua performance, conjuga o poder-fazer e o saber-fazer, conforme Pietroforte (2008).

Outro ponto relevante a ressaltar com relação a esse período é a identificação de S[Petra] com o tema democracia, representada pela performance do voto em S[Lula]. O resultado da performance desse primeiro PN de Lula é positivo uma vez que o Om[eleição] serviu para que ele entrasse em convergência com seu Ov[presidência]. É possível dizer que a sanção é dada por S[Petra], nas imagens em que vota pela primeira vez, por ser uma representação do povo naquele momento. Ao passo que para S[Petra] o Om[eleição] também serviu para que ela convergisse com seu Ov[representatividade⁶] de forma positiva, cuja sanção foi dada pela vitória de S[Lula].

Assim, o fim do primeiro ato pode ser delimitado no discurso de posse de S[Lula]. Esse primeiro discurso narrativo apresentou como se deu o período entre o fim da ditadura e o início da democracia, com sua conquista plena retratada na eleição de Lula, tido como um “homem do povo”.

O segundo ato da obra apresenta toda a performance relacionada à atuação não mais apenas de S[Lula] mas também de S[Dilma], sua sucessora na presidência. O trecho que se inicia apresenta a história de S[Dilma], dos momentos em que sofreu tortura no período da ditadura até sua eleição como primeira presidente mulher do Brasil.

Acompanhada da narrativa de Dilma, Petra se apresenta novamente, dessa vez trazendo sua mãe, cuja história está fortemente ligada à de Dilma, já que eram da mesma cidade, tinham estudado na mesma escola e haviam sido presas no mesmo presídio, em épocas diferentes da ditadura. Esse trecho é importante para trabalhar a

⁶ Partindo-se da ideia trazida pelo papel do povo dentro da democracia, observou-se que o seu Ov sempre será a representatividade, seja ela convergente ou divergente em relação à democracia.

relação de identidade desenvolvida entre Dilma e a mãe de Petra, que atua em diversos momentos como símbolo para representar o povo.

Como dito anteriormente, a democracia moderna emerge da representatividade. Nesse sentido, para a Mãe de Petra a eleição de Dilma caracteriza-se como Ov[representatividade], tema que mantém uma relação estreita de convergência com a democracia.

Além disso, outra questão é evocada dentro desse novo ciclo: a sanção de Lula após sua saída e a performance de Dilma na presidência. Como é descrito na obra, Lula sai com uma altíssima taxa de aprovação e, pensando em democracia, isso é de suma importância pois demonstra o aval que a população concedia para com suas ações (alianças e escolha de Dilma como sua sucessora). Contudo, os acontecimentos que seguem após essas ações fazem com que a ideia estabelecida de democracia comece a entrar em colapso.

Esses aspectos se correlacionam na forma como os enunciados de fazer se apresentam dentro da narrativa, uma vez que S[Lula] altera o estado inicial de S[Dilma] utilizando-se do Om [coligação] para se aliar a partidos que antes eram oposição em prol da governabilidade.

Nesse sentido, quatro actantes ligados à elite aparecem diretamente ligados ao novo rumo ao qual o país se direciona: Michel Temer, Aécio Neves, Eduardo Cunha e Sergio Moro. O resultado das ações desses actantes corrobora com a ascensão de um novo sujeito de extrema relevância para a obra: Jair Bolsonaro.

Primeiramente, é preciso salientar que as ações que serão descritas a seguir ocorrem após a reeleição de S[Dilma]. Assim, considera-se que cada uma das práticas ocorridas minaram uma votação popular que acabara de ser concretizada.

A reeleição de S[Dilma] se deu no segundo turno contra Aécio Neves, candidato de parte da oligarquia e do setor financeiro. Quando vencido, Aécio resolve contestar as eleições e incitar seus eleitores a ir para as ruas. Esse movimento ganha força, utilizando-se dos Om [manifestações e grande mídia], uma agindo e a outra cobrindo todos os acontecimentos.

Por fim, esse movimento é o início da disjunção na relação entre o povo e a democracia. Um racha na já fragilizada democracia do país.

Em seguida, observa-se a atuação do actante Cunha⁷, outro representante da oligarquia no país, mas que inicialmente não se posiciona contrário ao S[Dilma]. Esse embate só ocorre quando ele não consegue seu apoio contra os processos de investigação que existiam contra ele.

Assim, Cunha, presidente do Congresso, utiliza-se de sua competência (ele pode e sabe) para, por meio do Om[impeachment], desestabilizar o já enfraquecido governo de S[Dilma], cuja sanção começa a se encaminhar para uma relação de disjunção com o Ov[presidência].

Estabelecido o impeachment, assume o vice de Dilma, Michel Temer, outro representante dos interesses da oligarquia do Brasil, que durante a eleição apoiava S[Dilma], mas que após a não intervenção dela nas investigações contra políticos de sua base aliada, resolve desfazer a aliança.

O conjunto desses PNs ocasiona na disjunção da relação entre povo e o Ov[representatividade] uma vez que o Om[impeachment] atua de forma contrária à reivindicação tanto dos que apoiavam S[Dilma], por ter sido eleita, quanto dos que eram contra, pois, assumindo seu vice, ainda não estavam representados os valores relacionados ao destinador-manipulador.

A consequência disso se apresenta no processo eleitoral após o impeachment. De um lado tem-se o favorito ao pleito S[Lula], cujos apoiadores são vistos na obra com gritos de “democracia” (Objeto-valor). De outro, S[Bolsonaro], com um discurso saudosista à época da ditadura e apoiado pela elite e pela mídia.

O que define o rumo da obra é a atuação de Sergio Moro, responsável pela Operação Lava-jato e que, posteriormente, se tornaria integrante do governo de S[Bolsonaro].

Moro por meio do Om[Lava-Jato] impede que S[Lula] participe das eleições, fortalecendo o discurso antipolítico, característica principal das manifestações antidemocráticas a favor da volta da ditadura que são vistas na obra.

4.3 NÍVEL DISCURSIVO

⁷ No caso de Cunha, é possível considerar a paixão de Vingança contra Dilma, uma vez que suas razões são consequências da quebra do contrato fiduciário entre Dilma e a oligarquia.

A escolha dos frames e das narrações tem como objetivo a exposição da forma como os actantes da obra foram apresentados e como eles se relacionam entre si e com o leitor, através do PE, bem como um detalhamento de suas performances com relação ao discurso que apresentam.

Objetiva-se nesse tópico também expor a relação entre imagem, narração e contexto enunciativo de cada um dos momentos selecionados no presente trabalho.

Figura 3 – Lula liderando a greve dos metalúrgicos em 1979



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:06:50]

Tabela 2 – Apresentação do estágio inicial da obra, durante a época da ditadura

Narração da cena	“Muitos militantes foram torturados ou mortos[...] e a revolução nunca aconteceu. Mas os ventos começam a mudar quando milhares de operários entram em greve, desafiando a ordem da ditadura. As greves são lideradas por esse homem [Lula na imagem]. Metalúrgico e líder sindical, Lula tem 33 anos nessa imagem. Ele só se interessa por política quando visita o congresso pela primeira vez e percebe que entre os 443 parlamentares, só dois eram da classe trabalhadora.”
Situação narrativa	Manipulação, em que o objeto-valor é apresentado ao sujeito por meio da provocação.

Fonte: Elaborada pelo autor

É possível observar como a obra inicia já indicando um enunciado de estado ditatorial, o S[Lula] é diretamente responsável pela alteração desse estado, quando lidera uma ação de greve, e instaura uma relação discursiva de não ditadura.

Figura 4 – Lula sendo carregado pelos grevistas



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:08:24]

Tabela 3 – Apresentação do movimento de não ditadura

Narração da cena	“Para minha mãe, ele era a expressão de um ideal: trabalhadores se tornando atores políticos, abrindo caminho em direção à democracia. E em, 1980 ele lidera a criação do Partido dos Trabalhadores. Se candidata a presidente em 89 [imagens de Lula discursando contra os banqueiros] e perde. Em 94 [imagens de Lula defendendo aumento de salário para trabalhadores] e perde. Em 98 [Lula discursando em prol de quem deseja empreender] e perde. Até que em 2002 ele opta pela conciliação [Lula falando da importância dos empresários].”
Situação narrativa	S[Lula] adquire a competência para executar a ação (sabe e pode).

Fonte: Elaborada pelo autor

A partir daqui identifica-se todo o histórico das greves da ditadura até o ano de 2002, quando a eleição é vencida por Lula, que se apresenta na obra como uma pessoa que veio do povo e um dos grandes responsáveis pela queda do regime militar, todo o período vivido entre a redemocratização e sua vitória nas eleições podem ser descritos como não ditadura, já que o povo ainda não estava efetivamente representado na política, daí não ser possível ainda caracterizá-lo como democracia

Também para corroborar com essa narrativa, a obra apresenta Petra votando em sua primeira eleição. É possível relacionar a vitória de Lula com a primeira eleição de Petra, ao considerá-la como uma representante do povo, levando a eleição a ser considerada como a representação da conquista da democracia de fato.

Figura 5 – Lula presidente ao lado de políticos aos quais antes fazia oposição



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:13:17]

Tabela 4 – Performance de Lula após a conquista do poder pela democracia

Narração da cena	“Eu votei no Lula com a esperança de que ele reformasse eticamente o sistema político. Mas lá estava ele, repetindo práticas que ele sempre criticou e formando aliança com velha oligarquia brasileira. Ao mesmo tempo eu tava vendo 20 milhões de pessoas saindo da pobreza [...], o número de negros nas universidades triplica, a taxa de desemprego atinge o menor índice da história, e enquanto a crise de 2008 se espalha, o Brasil passa de 13º para a 7º economia no mundo.”
Situação narrativa	As ações do S[Lula] quando em conjunção com o Ov[presidência].

Fonte: Elaborada pelo autor

Nesse momento, observa-se S[Lula] empossado e em estado de conjunção com o Ov[presidência]. Tomando como base as condições de saber e poder, é possível compreender que suas ações estão alinhadas tanto a uma classe que historicamente não se via representada quanto com a elite política que sempre comandou os rumos do país.

Dessa forma, inicialmente, divide-se a sanção de Lula em duas partes e em dois momentos distintos (final de seu mandato e condenação pela operação Lava-jato).

Figura 6 – Lula em seu último dia como presidente.



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:22:15]

Tabela 5 – Sanção inicial de Lula após sua performance como presidente

Narração da cena	“Esse é o último dia de Lula e da primeira-dama, Dona Marisa, no poder depois de oito anos na presidência. [...] Lula deixava o cargo com 87% de aprovação, uma das maiores já alcançadas por qualquer presidente no mundo”
Situação narrativa	A primeira sanção de S[Lula], com relação às suas ações como presidente.

Fonte: Elaborada pelo autor

Têm-se então as primeiras sanções de Lula, com uma alta aprovação da população e da oligarquia, o resultado é positivo. O que ocorre, então, é o início de um novo PN após sua saída da presidência.

Figura 7 – Posse de Dilma como primeira presidente mulher do Brasil



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:22:55]

Tabela 6 – São apresentadas as condições de competência à eleição de Dilma

Narração da cena	“Hoje percebo que o entusiasmo de ter eleito nossa primeira presidente mulher me cegou para outra coisa que acontece nessa cena. O precipício entre Dilma e seu tenso vice-presidente. [...] Foi um casamento arranjado. Dilma, que nunca havia se candidatado, precisava, ainda mais do que Lula, da aliança com o PMDB para governar. [...] Quando perguntado sobre a aliança, Lula disse que se Jesus viesse pro Brasil, teria que fazer aliança até com Judas.”
Situação narrativa	Apresentação de S[Dilma] e exposição de suas competências.

Fonte: Elaborada pelo autor

Nesse momento, observa-se que S[Dilma], mesmo ajudada pela alta taxa de aprovação do governo Lula, ainda precisa recorrer aos mesmos artifícios que Lula utilizou para se eleger.

Uma vez eleita, para governar, ela precisava poder fazer – ser presidente – e saber-fazer – conciliar as diversas vozes e interesses representados pela assembleia, pelo senado, pelo povo. Logo, as questões de saber e poder novamente são postas à prova, só que desta vez, será visto que as sanções de S[Dilma] serão diferentes das concedidas inicialmente à Lula, uma vez que, não subvertendo-se às vontades oligárquicas e entrando em atrito com o sistema financeiro (ou sejam quebrando os contratos fiduciários com a elite), sua performance se mostra no caminho contrário à utilizada por ele.

Nesse sentido, a competência de Dilma se dividiria em quatro pilares básicos: prestígio de Lula, povo, oligarquia e setor financeiro. Como será visto, a queda desses pilares ocasiona a sanção negativa de Dilma.

Figura 8 – Imagem de Brasília nas primeiras manifestações contra o governo

Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:26:19]

Tabela 7 – Exposição do contexto da relação entre actantes da obra

Narração da cena	<p>“No palácio Central eles desenharam uma cidade que de dia trabalharia alegremente, numa atmosfera de digna monumentalidade. Uma cidade utópica que abrigaria o sonho da democracia. [...] Mas a arquitetura perfeita se esqueceu do principal ingrediente da democracia: o povo, que ficou ainda mais isolado do poder. Distante da pressão popular, a classe política perpetuou um antigo sistema de interesses cimentado pela corrupção. E esse sistema permaneceria intacto até que veio o abalo sísmico. [...] À medida que as ruas acordavam depois de vinte anos com uma série de reivindicações difusas, alguma coisa no nosso tecido social começa a mudar, dando lugar a uma fissura profunda que nos dividiria. Depois de uma década no poder, as bandeiras vermelhas do PT já não pareciam mais espelhar os desejos da população. Elas começaram a se tornar o alvo. Desse momento em diante, nada mais seria igual”</p>
Situação narrativa	<p>Apresentação do início das quedas dos pilares de sustentação do governo de S[Dilma].</p>

Fonte: Elaborada pelo autor

Observa-se aqui o início da ruptura institucional que fará com que o estado de democracia comece a se transfigurar para um estágio de não democracia a partir do estremecimento na relação entre S[Dilma] e o povo devido à relação com o outro S[oligarquia].

Sobre a narratividade desse trecho, toma-se como base Barros (2001), ao afirmar que a narratividade está relacionada às transformações do sujeito ou aos contratos ou suas rupturas,

Parte-se de duas concepções complementares de narratividade: narratividade como transformação de estados, de situações, operada pelo fazer transformador de um sujeito, que age no e sobre o mundo em busca de certos valores investidos objetos; narratividade como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos-valor. (Barros, 2001, p. 27)

Sendo assim, observa-se que as ações do S[Lula] com relação ao destinatário-manipulador[povo], influenciou ativamente na sanção dada pelo povo a S[Dilma] uma vez que a aliança com a Elite acarretou na volta da mesma às velhas práticas que se sucediam antes da eleição de 2002. Assim, pode-se dizer que há a vertigem da democracia.

Tanto as imagens das manifestações que tomaram Brasília quanto as próprias filmagens dentro do Palácio do Planalto em diferentes momentos têm um significado alegórico na descrição de Petra, em que o povo, uma vez esquecido, vai até o lugar que seria símbolo da democracia do país para levantar sua voz.

Além disso, as filmagens da residência presidencial são relacionadas aos momentos históricos: vazia nos momentos de tensão, refletindo a ausência do povo no processo político; cheia e em festa no último dia de Lula, mostrando uma relação de relaxamento e conjunção; com pessoas trabalhando silenciosamente e cabisbaixas, após o impeachment; e, por fim, apresentando as placas com empresas que apoiaram políticos opostos ideologicamente, tendo vários nomes em comum.

Figura 9 – Dilma discursando contrária à determinadas práticas do mercado



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:28:53]

Tabela 8 – Início da performance de Dilma

Narração da cena	“Mas antes de ir em frente, eu preciso ir pra trás. Pouco antes desses protestos, a popularidade de Dilma ficou tão alta que ela arriscou agir na contramão da conciliação Lulista. Ela tirou cargos importantes do PMDB e forçou os bancos a reduzir as taxas de juros. Mas a economia perde força e os protestos desestabilizam o principal pilar do governo: o apoio popular. Numa tentativa de recuperar a credibilidade do governo, Dilma aprova uma série de medidas anticorrupção, entre elas a delação premiada, que facilitaria o caminho de uma ampla investigação. Um tsunami que desestabilizaria o sistema político”
Situação narrativa	Discurso de Dilma contra a taxa de juros dos brancos e a queda do primeiro pilar de competência: o setor financeiro.

Fonte: Elaborada pelo autor

O trecho caracteriza as ações tomadas por Dilma durante seu primeiro governo. Uma vez empossada, observamos uma atuação diferente da praticada por Lula.

Pensando na relação com o Povo e a Elite, Lula, para conseguir o apoio do primeiro, se alia ao setor financeiro e à oligarquia, para através do Om [eleição], ser eleito.

Por outro lado, Dilma, uma vez já com a popularidade em alta devido às ações do governo Lula, decide interferir no setor financeiro, uma prática que havia sido negada por Lula e que fora crucial para sua eleição. Esse movimento acarreta uma insatisfação na relação entre S[Dilma] e elite uma vez que a conciliação entre os poderes havia sido quebrada, reverberando também em sua relação com o povo, como será visto posteriormente.

Além disso, visando a retomada do apoio popular, Dilma sanciona medidas que a fazem entrar em confronto com e Elite, pilar importante de sustentação de seu governo e que desmoronaria pouco tempo depois.

Figura 10 – Sergio Moro falando sobre as investigações da Lava-jato



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) 00:30:27

Tabela 9 – Apresentação do actante responsável pela sanção final de Lula

Narração da cena	“A Operação Lava-Jato investiga a Petrobrás, que anos antes tinha sido alvo de espionagem da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos. Em pouco tempo, os investigadores revelam uma teia de corrupção que interliga a Petrobrás, empreiteiras e os principais partidos políticos. O homem por trás da operação é um juiz federal do Paraná. [...] À medida que os empresários começam a falar, políticos de vários partidos começam a ser presos, incluindo membros do PT. Às vésperas da nova eleição, muitos culpam Dilma por não interferir nas investigações. Uma atitude que levaria à sua queda.”
Situação narrativa	Apresentação de Moro como destinador julgador, responsável pela sanção final de S[Lula].

Fonte: Elaborada pelo autor

Foi graças às ações de Dilma que a operação Lava-Jato se tornou possível, justamente o “tsunami” descrito por Petra na obra. A aprovação do pacote anticorrupção trouxe a possibilidade da delação premiada e com ela vários políticos e empresários começaram a ser delatados.

A não intervenção de Dilma nas investigações, como descrito por Petra, ocasionou a ruptura da relação entre S[Dilma] e a Elite, mas isso não foi suficiente para que a população enxergasse qualquer cisão política.

Essa divisão só é percebida nas eleições de 2014 e sacramentada em 2016, quando grande parte da própria oligarquia se vira contra Dilma e se apresenta como oposição às próprias práticas que ajudaram a perpetuar.

Dentro desse contexto, quatro actantes ganham destaque por se utilizarem de diferentes Om e entrarem em disjunção com a democracia: Aécio Neves, Sergio Moro, Eduardo Cunha e Michel Temer.

Figura 11 –Aécio Neves discursando para a cúpula do PSDB



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:33:30]

Tabela 10 – Exposto outro actante que altera o enunciado de estado de Dilma

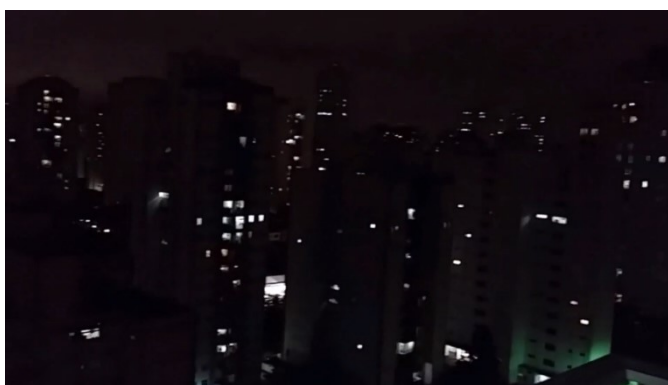
Narração da cena	“Este é Aécio Neves, neto de um ex-presidente e o principal adversário de Dilma nas eleições de 2014. [...] Nos bastidores, parte das empreiteiras e do PMDB apoiaram Aécio, acreditando que seus interesses estariam mais alinhados. Mas por uma pequena margem, Dilma ganha a eleição. [...] E Aécio Neves não aceita o resultado. Seu partido pede uma auditoria das urnas e quando o resultado não muda, ele começa a defender o impeachment de Dilma. Eu me pergunto se Aécio, ao questionar as regras do jogo democrático, imaginava as forças obscuras que ele estaria despertando.
Situação narrativa	Apresentação de Aécio, primeiro a questionar S[Dilma] como o símbolo de conjunção do povo com o Ov[representatividade]

Fonte: Elaborada pelo autor

Tem-se apresentado aqui, o primeiro momento em que o movimento não democrático se instaura, consequência da perda de credibilidade do PT, elo que ligava os interesses da Oligarquia e do Povo. Isso fez com que o poder do voto se enfraquecesse, resultando na queda da presidente eleita.

Esse movimento de Aécio, ao não aceitar o resultado das urnas e começar um movimento pelo impedimento de Dilma, influenciando as ações de parte da população nas ruas, o fez entrar em disjunção com a democracia por meio do Om[manifestações antidemocráticas, oligarquia].

Figura 12 – "Panelaço": dia da abertura do processo de impeachment



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:35:30]

Tabela 11 – Início da sanção de Dilma por parte da população

Narração da cena	“Depois de uma queda global no preço das commodities e uma série de erros econômicos, o país entra em recessão. Dilma quebra suas promessas de campanha, implementando um programa de austeridade. O desemprego chega a 8%, mais de quatro milhões de pessoas voltam à pobreza e a taxa de aprovação do governo cai para 9%. E é nesse clima que o Congresso aceita o pedido de impeachment contra Dilma. Mas ainda faltava uma peça para o impeachment deslanchar.”
Situação narrativa	Ações de S[Dilma] durante seu mandato e a queda de mais um pilar de competência: o apoio popular.

Fonte: Elaborada pelo autor

Após a eleição de 2014, o ambiente político no país se apresenta hostil, dividido entre os que apoiavam a manutenção do cargo de Dilma, eleita pelo voto, e a defesa do processo de impeachment, devido à insatisfação com o governo.

Nessa passagem da obra observa-se Dilma perdendo mais um de seus pilares que lhe davam competência: o apoio popular. Com isso, o processo de impeachment é instaurado e, após perder o apoio do setor financeiro, da oligarquia e sem aprovação popular, a imagem de Lula parece ser o único pilar que se mantinha sólido.

Figura 13 –Investigadores levando Lula para depor



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:37:14]

Tabela 12 – Último pilar de sustentação de Dilma: a popularidade de Lula

Narração da cena	“No clímax da Lava-jato, Moro autoriza a condução coercitiva de Lula, embora o ex-presidente nunca tivesse se negado a depor. Suspeitando do envolvimento de Lula no esquema de corrupção, investigadores procuram provas de que ele teria recebido um apartamento como propina de uma construtora implicada na Lava-jato. Mesmo sem acusação formal, o espetáculo em torno de Lula sendo levado à força pela polícia cria uma impressão de culpa.”
Situação narrativa	Ação de Moro que, através do Om [condução coercitiva], contribui para a quebra de confiança na relação entre Lula e o Povo.

Fonte: Elaborada pelo autor

O fato de Lula ter sido levado à força pela polícia, mesmo que nunca tivesse havido uma intimação para comparecer voluntariamente, passa a ideia de que a relação entre as instituições está desestabilizada, uma vez que os ritos legais não foram respeitados.

Este tipo de condução do processo, atrelado aos vazamentos de ligações telefônicas e entrevistas coletivas espetacularizando as acusações, foi considerado como uma ação que modifica o enunciado de estado democrático, em direção disfórica ao se utilizar do Om[Lava-jato] fora dos procedimentos legais democraticamente estabelecidos.

Figura 14 –Cunha em entrevista à televisão falando contra o impeachment



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:49:52]

Tabela 13 – Exposto outro actante que altera o enunciado de estado de Dilma

<p>Narração da cena</p>	<p>“Mas nove meses depois, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, mudaria de ideia. Eu ouvia pelos corredores que ele havia ajudado a financiar a campanha de dezenas de deputados, formando uma espécie de exército particular que ele movimentava pra defender o interesse da vez. Cunha era investigado por ocultar milhões de dólares de subornos em um banco suíço e em uma empresa chamada Jesus.com. Sentindo-se desprotegido, ele decide romper com o governo. Mas quando ameaçado de perder seu mandato, ele pede ajuda à Dilma e ao PT. Depois de semanas de debate, os deputados do PT decidem votar contra ele. E, em retaliação, ele imediatamente abre o processo de impeachment contra Dilma.”</p>
<p>Situação narrativa</p>	<p>Rompimento da relação entre S[Dilma] e o actante Cunha, representante da oligarquia. Mais um pilar de competência perdido.</p>

Fonte: Elaborada pelo autor

Após a atuação de Aécio Neves e Sergio Moro minarem parte das competências em meio à performance de Dilma com relação ao apoio popular, parte da oligarquia e derretimento da imagem de Lula, Eduardo Cunha, presidente da Câmara, entra em cena para influenciar a parte da oligarquia que ainda ajudava a sustentar o mandato de Dilma.

Dessa forma, Cunha se utiliza do Om[impeachment] para modificar o enunciado de estado democrático em direção disfórica. O que caracteriza essa afirmação é a paixão que move a ação de Cunha dentro da obra. Suas motivações não partem de anseio popular, uma vez que antes era contrário e depois que há a quebra de confiança com S[Dilma], decide abrir o processo de impeachment.

Figura 15 – Gabinete de Bolsonaro: um templo ao período da ditadura



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [01:06:21]

Tabela 14 – Bolsonaro e a busca por competência

Narração da cena	<p>“Esse é Jair Messias Bolsonaro, um capitão reformado do exército. Ele tinha acabado de se lançar candidato a presidente. Aqui (votação do impeachment), ele exalta o torturador e assassino mais infame da ditadura.”</p>
Situação narrativa	<p>Apresentação de S[Bolsonaro], admirador da ditadura e que é motivado a adquirir competência por meio da sedução, criada tanto pelo setor financeiro quanto pelos adeptos das manifestações antidemocráticas.</p>

Fonte: Elaborada pelo autor

Um novo sujeito é apresentado, defendendo as ações praticadas por governos na ditadura e a favor do impeachment e das ações de Sergio Moro. Bolsonaro se apresenta como “antipetista”, além de ser uma das figuras caricatas da oligarquia.

Aproveitando-se da sanção negativa de S[Dilma], Bolsonaro busca competência na fragilização do sistema vigente, evocando práticas contrárias à democracia para angariar apoio, ratificando as ações da oligarquia e, conseqüentemente, do setor financeiro.

Figura 16 – Temer e Aécio na posse do primeiro após o impeachment



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [01:08:14]

Tabela 15 – A sanção de Dilma concedida pela elite

<p>Narração da cena</p>	<p>“Depois da votação na Câmara, o Senado suspende Dilma por 112, até seu julgamento final. Sai a primeira presidente mulher, e Temer assume interinamente com um ministério só de homens. Todos brancos. [...] A chegada de Temer enche os corredores de representantes da direita do Congresso, das bancadas do boi, da bala e da bíblia. Esses homens entram ávidos pelos salões, depois de anos tendo que pedir permissão para entrar.”</p>
<p>Situação narrativa</p>	<p>Sanção final de S[Dilma] disfórica com o Ov[presidência], perdendo seu mandato e com a oligarquia assumindo o poder.</p>

Fonte: Elaborada pelo autor

Aprovado o impeachment na Câmara, o clima do país é dividido. De um lado, eleitores que, aos gritos de democracia, reivindicam a legitimidade de seus votos, fazendo valer a escolha por Dilma. De outro, o sentimento de retomada do poder representado pela oligarquia que novamente assumia o protagonismo no governo.

Na cena é possível observar diferentes representantes da oligarquia e do mercado financeiro que, antes pilares de competência para Lula e Dilma, agora se apresentam como a solução para os problemas enfrentados no país. Contudo, sem o principal da democracia: o apoio popular, uma vez que Temer também não possuía a confiança do povo.

Figura 17 –Lula prestando depoimento a Sergio Moro em Curitiba



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [01:31:18]

Tabela 16 – Última performance de Lula e sua nova sanção: prisão

<p>Narração da cena</p>	<p>“Dois meses depois, Moro condena Lula a nove anos de prisão. Seu processo chega à segunda instância mais rápido do que qualquer outro da Lava-Jato. E lá, sua pena é aumentada para 12 anos.”</p>
<p>Situação narrativa</p>	<p>Sanção final de Lula, com sua prisão e impossibilidade de concorrer às próximas eleições, disfórica com relação ao Ov [presidência]</p>

Fonte: Elaborada pelo autor

Uma vez que sua sanção se apresenta de forma divergente entre o povo e os antigos pilares que antes o davam competência. Nesse momento, Lula se encontra na liderança das pesquisas para presidente, com mais que o dobro das intenções de voto em relação ao segundo colocado, Bolsonaro.

Por outro lado, sua antiga aliada, Elite, se mostra contrária à sua eleição. Em uma democracia, isso não seria mais um problema para Lula, visto que a simples maioria do voto popular já bastaria para sua eleição.

E é por isso que, sua prisão fora dos ritos jurídicos estabelecidos democraticamente, como já dito anteriormente, expõe a vertigem da democracia brasileira, tendo os valores do destinador-manipulador em desacordo com o destinador julgador, em que o poder de conceder competência do primeiro é suprimido pelo segundo.

Figura 18 –Michel Temer entregando a faixa presidencial a Jair Bolsonaro



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [01:53:20]

Tabela 17 – Bolsonaro presidente e o discurso saudoso à ditadura

Narração da cena	<p>“Seis meses antes das eleições, Lula lidera com 31% das intenções de voto, seguido por Bolsonaro, com 15%. Na opinião pública, Bolsonaro parece, pouco a pouco, assumir o espaço deixado por Moro como novo redentor. Apesar das declarações antidemocráticas de Bolsonaro, uma parte significativa da elite começa a vê-lo como a melhor alternativa para defender os interesses do mercado.”</p>
Situação narrativa	<p>Elite assume o poder, em direção oposta à democracia, já que as ações tanto de queda de um governo eleito, quanto a impossibilidade de eleição de Lula, foram na contramão da vontade popular.</p>

Fonte: Elaborada pelo autor

Por fim, com Lula fora das eleições e com o apoio do setor financeiro, um representante da oligarquia e simpático à época da ditadura assume a presidência da república. Bolsonaro assume e nomeia Sergio Moro como Ministro da justiça.

O ciclo da obra finaliza com a disjunção da relação entre o povo e o estado democrático, tendo um desfecho favorável à oligarquia e ao setor financeiro, que no final são apresentados como os reais detentores de poder e ditadores dos rumos do país.

4.4 NÍVEL FUNDAMENTAL

Após apresentada toda a interpretação formulada para o nível narrativo, chega-se à proposta de uma relação entre dois contextos históricos vividos na política dentro

da obra. É possível observar algumas oposições semânticas, tais como esquerda/direita, poder/submissão e governo/oposição. Contudo, o antagonismo entre os semas democracia e ditadura pode ser descrito como o principal tópico abordado pelo documentário.

Para citar alguns exemplos desse antagonismo, a relação entre a prisão de opositores políticos na ditadura e a prisão de Lula pelo homem que veio a ser Ministro da Justiça do principal opositor do ex-presidente. Além disso, o clima dividido e as imagens de manifestações contrárias e favoráveis ao governo eleito antes da ditadura e do impeachment.

Figura 19 – Contexto histórico antes da ditadura



Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [00:56:10]

Tabela 18 – Contexto histórico do país antes da ditadura

Narração da cena	“O governo (de 64) tinha acabado de declarar que faria a reforma agrária nas margens das rodovias federais. A família da minha mãe fica em polvorosa. Chega a preparar as malas pra a Califórnia e escapar da ameaça comunista. Mas, pra alívio deles, os militares tomam o poder, apoiados pelos Estados Unidos e celebrados pela mídia nacional.”
Situação narrativa	O contexto antes do golpe de 64, contra a democracia, apresenta um governo que planejava atender às demandas populares. Contudo, é derrubado com apoio dos Estados Unidos e da grande mídia.

Fonte: Elaborada pelo autor

Ao fazer um parâmetro entre os momentos antes do golpe de 64 e do impeachment de 2016, observa-se que a obra apresenta detalhes semelhantes que influenciaram em ambos os processos: contextos em que o governo inicia uma política voltada às demandas populares em detrimento dos interesses da elite.

Figura 20 – Manifestantes se aglomerando em Brasília

Fonte: Democracia em Vertigem (2019) [01:54:49]

Tabela 19 – Narração de Petra a respeito da política no Brasil

Narração da cena	“Um escritor grego disse que a democracia só funciona quando os ricos se sentem ameaçados. Caso contrário, a oligarquia toma o poder. De pai pra filho, de filho pra neto, de neto pra bisneto e assim sucessivamente. Somos uma república de famílias. Um controlam a mídia, outras os bancos. Elas possuem a areia, o cimento, a pedra e o ferro. E, de vez em quando, acontece delas se cansarem da democracia, do Estado de Direito.”
Situação narrativa	Exposição do destinador julgador e detentor do real poder de sanção nas ações políticas que ocorrem na obra.

Fonte: Elaborada pelo autor

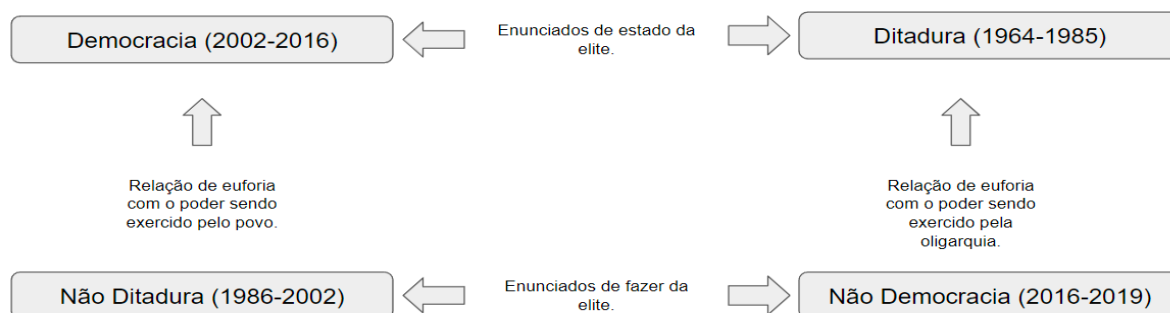
A última narração de Petra apresenta a relação de poder existente no Brasil, em que um grupo de elite comanda os rumos do país como sujeito julgador, enquanto repassa as responsabilidades de seus atos para a população.

Toma-se como afirmação, portanto, que a democracia e a ditadura são dois enunciados de estado e de afirmação para a essa própria elite, e quando esse sistema não mais representa os interesses dessa classe, assume-se uma posição de negar esse enunciado de modo a alterar seu estado inicial, e então temos os estados de afirmação oposta. Essa relação pode observada no esquema a seguir:

[afirmação da /ditadura/; afirmação da /democracia/; negação da /democracia/]

Nesse sentido, cria-se o seguinte quadro para demonstrar as relações de enunciado dentro da obra:

Figura 21 – Apresentação do quadrado semiótico



Elaborado pelo autor

Acredita-se que esse quadro seja suficiente para sintetizar como é apresentada a composição política dentro da obra, bem como a exposição de cada período e como eles se formaram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs-se a refletir sobre como os elementos semióticos do documentário *Democracia em Vertigem* corroboram os efeitos de sentido de sua narrativa. Após ter apresentado uma visão introdutória da semiótica discursiva e do Percurso Gerativo de sentidos, procurou-se por meio desse aparato, analisar o documentário *Democracia em Vertigem*, refletindo sobre algumas questões relevantes sobre sua produção.

Inicialmente, a respeito do percurso gerativo, foi possível por meio deste, relacionar os diferentes atores que interagem na obra, tanto entre si quanto com os ambientes apresentados, concedendo-lhes função tanto em suas vozes quanto nas narrações de Petra, fundamentais para a compreensão do texto.

Além disso, atribui-se êxito também no enquadramento trazido na obra com relação ao seu gênero, uma vez que as relações de sentido e de identidade com a realidade são marcantes, principalmente por tratar de questões que ainda estão próximas historicamente da realidade do leitor, o que pode ser característico do gênero documentário. Ainda sobre o gênero, a sua utilização se provou satisfatória

por desempenhar um papel de apresentar um contexto histórico para a discussão do tema democracia e sua relação com a sociedade contemporânea.

Sobre o percurso gerativo em si, foi possível perceber que toda disjunção da obra com o Ov se dá pela não atribuição do povo como destinador julgador, uma vez que já apresentadas as condições de democracia, não basta somente que o povo assuma o papel de destinador-manipulador, pois esse apenas dá competência por meio do voto (leva-se em consideração que a própria democracia representativa faz com que o Ov dos sujeitos narrativos não necessariamente seja o mesmo do povo, contudo, ele deveria ser um símbolo que representa o conjunto desses valores), mas se não é a sua função julgar descritivamente ou cognitivamente as ações do sujeito, se a sanção é dada por meio de outros atores na narrativa, dá-se a ideia da vertigem da democracia, uma vez que se o poder é de outrem, pode-se assumir a não existência da democracia de fato.

Por isso, o título da obra define as consequências dessa relação, das posições dos actantes e já no início da obra, as palavras de Petra ratificam esse pensamento quando diz, “temo que a democracia tenha sido apenas um sonho efêmero” (Democracia em Vertigem, 2019).

Considerou-se também fundamental para a construção da pesquisa as ideias propostas por Fiorin(1989) e Barros(1997) sobre o percurso gerativo, que foram amplamente utilizadas durante a análise, assim como as perspectivas trazidas por Bobbio(2007) e Levitsky(2018) sobre democracia e sociedade.

Por fim, espera-se que esse trabalho venha a auxiliar em futuras formulações de propostas com relação ao uso de documentário e do percurso gerativo em sala de aula, bem como no desenvolvimento de futuras pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1997.
- BARROS, D. L. P. de. **Teoria do discurso**. Fundamentos semióticos. São Paulo: Humanitas. 2001.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.
- BOBBIO, N. **Estado, governo e sociedade**. Para uma teoria geral da política. São Paulo: Editora paz e terra, 2007.
- BOBBIO, N. **Teoria Geral da Política**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda., 2000.
- BOBBIO, N. **Direita e Esquerda**. Razões e Significados de uma Distinção Política. São Paulo: Editora UNESP, 1995.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. Trad. de Adail Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.
- DEMOCRACIA em Vertigem. [S.I.]: Netflix, 2019. Son., color.
- DENZIN, N. K. e LINCON, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. Porto Alegre: Editora Artmed. 2003. Cap. de Introdução
- DIAS, R. F. **Em busca da definição**: mas afinal. O que é mesmo documentário? De Fernão Pessoa Ramos. *Fênix*, 6(2), 1-11 - Revista De História E Estudos Culturais, 2009.
- FECHINE, Y. Contribuições para uma semiotização da montagem. In: OLIVEIRA, A. C. de; TEIXEIRA, L. **Linguagens na comunicação**: desenvolvimento de semiótica sincrética. São Paulo: Estação da Letras e Cores, p. 323-370, 2009.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. 126 p. São Paulo: Editora Contexto, 1989.
- FIORIN, J. L. **Introdução à linguística II**: princípios de análise. 5. ed. 264 p. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- FIORIN, J. L. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553**, n. 5, 2003. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1314/810> >
- FLOCH, J-M. **Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral**. Tradução: Analice Dutra Pilar. 1. ed. São Paulo. Documentos de estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001.

FLOCH, J-M. **Semiótica plástica e linguagem publicitária**: análise de um anúncio da campanha de lançamento do cigarro “News”. In: OLIVEIRA, A. C.; TEIXEIRA, L. (orgs.) *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

GOLSALVES, Elisa Pereira. *Iniciação à Pesquisa Científica*. 3ª ed. Campinas: Alínea, 2003.

GREIMAS, A. J. Os atuantes, os atores e as figuras. In: CHKLOVSKI, V. O. (Org.). *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 179-195.

GREIMAS, A. J. *Semiótica do discurso científico e da modalidade*. São Paulo: Difel, 1976.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu D. Lima, Diana L. P. De Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignacio A. da Silva, Maria José C. Sembra, Tiekō Y. Miyazaki. São Paulo: Contexto, 2008.

GUTFREIND, C. F. **O filme e a representação do real**. E-Compós, 2006.

JORGE, L. E. **Cinema documental e realidade social**. *Iluminuras*, v. 11, n. 26, p. 1-16. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Coleção Campo Imagético, Papyrus, 2005.

QUEIROZ, E. F. C. **Democracia em vertigem**: uma narrativa documental que vai além da mera representação. *Goiânia: Panorama*, v. 10, n. 1, p. 02-07, 2020.

SOUZA, M. **Imagens, corpos e vozes**: arte e comunicação no contemporâneo. Londrina: Syntagma Editores, 2019.

TEIXEIRA, L. **Achados e perdidos**: análise semiótica de cartazes de cinema.